



## A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONCEITO NA APRENDIZAGEM: DESCRIÇÃO DE UM MODELO DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

THE IMPORTANCE OF SELF-CONCEPT IN LEARNING: DESCRIPTION OF AN  
ASSESSMENT AND INTERVENTION MODEL

Estefanie Rodrigues Ribeiro

**RESUMO:** Este presente trabalho tem como objetivo debater a importância do autoconceito na aprendizagem, a partir da descrição de um trabalho de avaliação e intervenção, desenvolvido pela equipe do Projeto Oficinas de Leitura e Escrita, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este projeto busca considerar o autoconceito e a autoimagem, evidenciando as potencialidades da criança desde o acolhimento, quando esta chega para a avaliação, até o processo final de devolutiva e posteriormente intervenção. A descrição deste processo realizado por esta equipe se deu através da análise e discussão dos resultados, que foram levantados a partir de um trabalho de campo pautado em entrevistas semiestruturadas.

**Palavras-chave:** Autoconceito; Aprendizagem; Avaliação; Intervenção.

**ABSTRACT:** This present work aims to discuss the importance of self-concept in learning, based on the description of an evaluation and intervention work, developed by the team of the Projeto Oficinas de Leitura e Escrita, at the Federal University of Rio de Janeiro. This project seeks to consider self-concept and self-image, highlighting the potential of the child from the reception, when he arrives for evaluation, until the final process of feedback and later intervention. The description of this process carried out by this team took place through the analysis and discussion of the results, which were raised from a field work based on semi-structured interviews.

**Keywords:** Self-concept; Learning; Evaluation; Intervention

### INTRODUÇÃO

O termo “autoconceito” é um construto que é compreendido como sendo algo que ocorre na interação entre pessoa e meio, se inicia na infância, mas se forma durante todo o ciclo de vida. O autoconceito interfere na avaliação que a pessoa faz de si, de suas capacidades, experiências e representações (CUNHA, SISTO, MACHADO, 2007). Este construto vem sendo apontado na literatura como um potente influenciador nas dificuldades de aprendizagem, pois possui uma função importante na personalidade e regulação afetiva e emocional (CARNEIRO, MARTINELLI, SISTO, 2003).

Uma criança que já vivenciou múltiplas experiências de fracasso escolar pode apresentar resistência ou pouca persistência na realização de tarefas, assim como uma baixa expectativa de realizar a tarefa com sucesso. Como consequência nota-se uma motivação reduzida e sentimentos negativos em relação ao ambiente e/ou atividades escolares. (CARNEIRO, MARTINELLI, SISTO, 2003).



Dados nacionais como os do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (BRASIL, 2018) mostram altas taxas de evasão escolar no início da adolescência. Isso levanta um questionamento a respeito do quanto essa evasão nesta fase pode estar relacionada a uma desistência diante de tantas dificuldades encontradas ao longo do caminho e a ausência de um profissional que conseguisse identificar, além dos erros, as potencialidades daquela criança ou adolescente.

Tendo em vista como essas relações afetam de forma significativa na construção do autoconceito, que atravessa todo o processo de aprendizagem, torna-se importante considerar e não negligenciar esse aspecto nos trabalhos de avaliação e intervenção das dificuldades de aprendizagem.

Neste presente artigo será descrito o trabalho desenvolvido pela equipe do Projeto Oficinas de Leitura e Escrita, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que busca considerar o autoconceito e a autoimagem, evidenciando as potencialidades da criança desde o acolhimento, quando esta chega para a avaliação, até o processo final de devolutiva e posteriormente intervenção. A descrição se dará através da análise e discussão dos resultados levantados a partir de um trabalho de campo pautado em entrevistas semiestruturadas.

## MÉTODO

### O campo

O Projeto Oficinas de Leitura e Escrita é desenvolvido no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ), sob a coordenação da professora doutora Jane Correa, e tem como objetivo realizar avaliações e intervenções, com atividades de natureza linguístico-cognitivas, com crianças entre 6 (seis) e 12 (doze) anos que apresentem dificuldades gerais no aprendizado da leitura e da escrita.

A equipe do projeto é composta por discentes da graduação e da pós-graduação em Psicologia da UFRJ. Os acompanhamentos são realizados na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do IP-UFRJ e também no Núcleo Interdisciplinar de Ações para a Cidadania (NIAC), desta mesma Universidade.

### Participantes

A amostra que compôs a pesquisa foi não-aleatória e os critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa foram já ter ou estar participando do projeto “Oficinas de Leitura e Escrita” da UFRJ. Foram entrevistadas 9 (nove) discentes e pesquisadoras de pós-graduação, do sexo feminino, entre 26 e 35 anos, participantes e ex-participantes do projeto “Oficinas de Leitura e Escrita” da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Destas, 5 são discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ - Mestrado Acadêmico e 4 são egressas da instituição.

### Instrumentos

Para a coleta de dados da pesquisa, foi utilizado um questionário semiestruturado com 12 questões abertas. Dentre todas, as questões “Qual o papel do desenvolvimento da confiança da criança em si mesma?” e “Como vocês promovem a motivação e o



engajamento?” foram as que buscaram verificar se o modelo de avaliação e intervenção do projeto Oficinas de Leitura e Escrita considera o autoconceito e a autoimagem que as crianças trazem diante do fracasso, e como esses aspectos são abordados nos trabalhos realizados.

### Procedimentos

O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IESC UFRJ, tendo sido aprovado pelo sistema CEP/CONEP do Conselho Nacional de Saúde, sob parecer número 030515 de 30/11/2017 vinculado ao processo 23083.030515/17-13. Foi solicitada ainda a autorização da coordenação do projeto para a realização da pesquisa a partir de um Termo de Anuência. Com a permissão da coordenação, foram contatadas de forma individual, as participantes e ex-participantes do projeto, através de e-mail e/ou aplicativo de mensagem instantânea (WhatsApp).

No primeiro contato explicamos aos sujeitos os objetivos da pesquisa e os preceitos éticos que a envolvem. Aos que mostraram disponibilidade para participar das entrevistas foi apresentado formalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aceite ou recusa da participação efetiva na pesquisa.

As entrevistas, com duração média de uma hora cada, foram realizadas por videochamada em aplicativos de conferência (Skype e Zoom), gravadas em vídeo, após a autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e transcritas na íntegra.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas das entrevistadas relataram como muitas crianças e famílias encaminhadas chegam ao projeto já desacreditadas. Muitas crianças encaminhadas para avaliação psicológica chegam com uma série de diagnósticos e atribuições, já muito marcadas pelas suas dificuldades de aprendizagem, sem a percepção de que podem ser ajudadas ou, quando há, eles dificilmente se percebem como tendo um papel ativo nessa ajuda (VIANA, F. L., 2005). O trabalho desenvolvido pelo projeto Oficinas de Leitura e Escrita considera um ponto fundamental as relações da criança com a aprendizagem, fator que interfere diretamente na forma de trabalho da equipe em avaliação e intervenção. Essa prática, que busca evidenciar o potencial da criança e olhar para ela como um todo, faz com que o trabalho desenvolvido se diferencie de muitas outras práticas de avaliação e intervenção que levam em conta unicamente os processos cognitivos e linguísticos.

De acordo com as entrevistas, no projeto Oficinas de Leitura e Escrita cada criança é vista como sendo única e, por isso, por mais que se tenha um protocolo base, as diferentes formas de avaliar e intervir precisam se adaptar às necessidades de cada uma delas, principalmente para compreender não só os pontos de dificuldades, mas também os potenciais. Esse olhar para o potencial das crianças interfere também na forma como as atividades e os testes são apresentados a elas nos processos de avaliação e intervenção. O erro, no trabalho desenvolvido pela equipe, não é visto como fracasso, mas como parte do processo de aprendizagem. E isso é passado para a criança, de modo a reforçar sua



capacidade. Luckesi (2006), afirma que o erro não deve ser fonte de castigo, mas um suporte para a autocompreensão, pois a partir dele a criança tem a possibilidade de se perguntar como e por que errou ou ter a escola, professor, psicólogo, discutindo e lhe apontando onde está o erro. A partir disso cria-se então um espaço de suporte para o crescimento.

No projeto, antes de planejar a intervenção, prepara-se um relatório sobre o processo de avaliação e realiza-se uma entrevista devolutiva, que é realizada tanto com a criança, quanto com a família, com base neste documento final produzido pela avaliadora. Esta devolutiva pode levar mais de uma sessão para ser finalizada. O trabalho de evidenciar as potencialidades da criança ocorre desde o acolhimento, quando a criança chega para a avaliação, até esse processo final de devolutiva. “O autoconceito e autoestima que a criança desenvolve têm implicações importantes na maneira como interpreta suas dificuldades, como também nas formas de superá-las” (CORREA, 2012, p. 142). Por isso, a forma como a devolutiva será feita é tão importante, pois a depender do que evidenciar, da forma que forem passadas as dificuldades, podem ter efeitos na autoestima da criança e, conseqüentemente, em seu aprendizado.

Também na intervenção, assim como na avaliação, nota-se uma preocupação da equipe com o *rapport* e com o desenvolvimento da autoestima e autoconceito da criança. Auxiliar a criança neste contexto para que não se crie uma relação de resistência com o aprendizado, visto que muitas delas vêm de uma série de histórias de “fracasso” e dificuldade, é de extrema importância. De acordo com Dockrell e McShane (2000), muitas vezes a criança faz pouco esforço para realizar uma tarefa porque possui dúvidas sobre sua capacidade de realizá-la com sucesso e passam a ver seus esforços como algo inútil, justamente por já terem vivenciado inúmeras situações de fracasso. Esta crença negativa e opinião metacognitiva levam a uma frustração ou desistência rápida, que reforça ainda mais a visão de fracasso, transformando este movimento em um ciclo. Consideramos que a identificação e intervenção precoce dessas dificuldades pode minimizar os riscos desse ciclo ocorrer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se, a partir do presente trabalho, que é fundamental que as equipes de avaliação e intervenção, assim como as escolas, reconheçam e exerçam seu papel fundamental não somente no desenvolvimento cognitivo do aluno, mas também na formação do autoconceito da criança que se constrói principalmente a partir das relações sociais. É importante, nos casos de dificuldades de aprendizagem, incentivar que a criança desenvolva uma autonomia e percepção acerca de seus potenciais. Incentivo este que pode ser feito tanto por parte da família, da escola e dos profissionais que a acompanham.

A partir da consideração e da análise das potencialidades e necessidades singulares de cada criança é possível promover de forma conjunta a outras intervenções, a sua autoconfiança, pode auxiliar de maneira positiva na aprendizagem. Até mesmo a forma como o erro é comunicado à criança faz toda a diferença, para que o trabalho realizado em avaliação e intervenção por parte do profissional de psicologia não se torne mais uma marca na história de fracassos da criança. No projeto há uma preocupação com



a devolutiva, que é um ponto crucial para o desenvolvimento de todo o trabalho posterior à avaliação.

É importante ressaltar que o relatório final da avaliação, produzido pelas participantes do projeto Oficinas de Leitura e Escrita, não é unicamente um resultado quantitativo das avaliações, com escores, mas comporta toda uma estrutura qualitativa, que aponta não só as dificuldades avaliadas, mas também os potenciais da criança. O objetivo da avaliação não é rotular a criança, ou culpabilizá-la, mas avaliar a interação dinâmica entre a criança, a tarefa e o ambiente, conforme sugere Dockrell e McShane (2000).

Os dados coletados na pesquisa revelaram que, além de a equipe ter um protocolo de avaliação bem estruturado, esta considera os múltiplos fatores relacionados ao processo de aprendizagem, como os atravessamentos sociais, ambientais e emocionais. Em relação ao processo avaliativo, a equipe compreende que este precisa levar em consideração não só as dificuldades da criança, mas também as suas potencialidades. Sendo assim, o protocolo não tem apenas uma função de testagem, pois o resultado de um teste de forma isolada não teria nenhum valor. Dentro do processo avaliativo considera-se ainda muito importante o aspecto relacional, com o acolhimento e rapport da criança que chega para ser avaliada.

Este trabalho também trouxe dados que corroboram com pesquisas já realizadas, demonstrando a importância de se buscar formas eficazes de avaliar e intervir nas dificuldades de leitura e escrita e queixas escolares no período da alfabetização. Desta forma, considera-se de extrema importância a divulgação científica e acadêmica de propostas de intervenção para as dificuldades de leitura e escrita que considerem a importância da formação do autoconceito e autoimagem da criança no processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2015: Análises e Reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

CARNEIRO, G. R. S.; MARTINELLI, S. C.; SISTO, F. F. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 427-434, 2003.

CARRAHER, T. N. Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em português. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 1, n. 3, p. 269-285, 1985.

CORREA, J. O aprendizado da escrita e suas dificuldades: as histórias que as crianças contam. **Veredas**. Especial. 141-151, 2012.

CUNHA, C. A., SISTO, F. F.; MACHADO, F. Autoconceito e reconhecimento de palavras em crianças do ensino fundamental. **Avaliação Psicológica**, v. 6, n. 2, p. 147-156, 2007.

DOCKRELL, J. MCSHANE, J. **Crianças com dificuldade de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Trad. Andrea Negreda. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.



LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições.** 18<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2006.

TAVEIRA, M. C (Coord). **Psicologia escolar:** uma proposta científico-pedagógica. Coimbra/Portugal: Quarteto, 2005, p. 61-86